

## A LISTA DA MORTE

FREDERICK FORSYTH

# A LISTA DA MORTE

Tradução de  
ESTER CORTEGANO



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2014

Ao Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos,  
uma unidade muito grande,  
e aos Pathfinders britânicos,  
uma unidade muito pequena.  
Para os primeiros, *Semper Fi*,  
e, para os últimos, antes vocês do que eu.

## AGRADECIMENTOS

A todos os que me ajudaram com a informação contida neste livro, os meus maiores agradecimentos. Como em tantas outras vezes, muitos deles não querem ser identificados. Mas aos que vivem na luz e aos que vivem nas sombras: vocês sabem quem são, e têm o meu reconhecimento.

## PERSONAGENS

O Pregador, terrorista  
O Batedor, especialista na caça ao homem  
Gray Fox, diretor da TOSA  
Roger Kendrick, ou Ariel, génio informático  
Ibrahim Samir, ou o Troll, génio informático  
Javad, agente da CIA infiltrado na ISI, Paquistão  
Benny, chefe de divisão da Mossad, célula do Corno de  
    África, Telavive  
Opal, agente da Mossad infiltrado em Kismayo  
Mustafa Dardari, proprietário da Masala Pickles  
Adrian Herbert, SIS  
Laurence Firth, MI5  
Harry Andersson, magnata sueco  
Capitão Stig Eklund, do *Malmö*  
Cadete Ove Carlsson, do *Malmö*  
Al-Afrit, chefe de clã somali e pirata  
Gareth Evans, negociador  
Ali Abdi, negociador  
Emily Bulstrode, auxiliar administrativa  
Jamma, secretário pessoal do Pregador  
David, Pete, Barry, Dai, Curly e Tim: os Pathfinders

## PREFÁCIO

No negro e secreto coração de Washington, existe uma lista curta e muito furtiva. Contém os nomes de terroristas que foram considerados tão perigosos para os EUA, os seus cidadãos e interesses que foram condenados à morte sem qualquer tentativa de detenção, julgamento ou outro tipo de processo. É referida como a «lista da morte».

Todas as terças-feiras de manhã, na Sala Oval, a lista da morte é estudada, para possível revisão, pelo presidente e seis outros homens; nunca mais, nunca menos do que isso. Entre eles, encontram-se o diretor da CIA e o general que comanda o maior e mais perigoso exército privado do mundo. Este é o JSOC, que, supostamente, não existe.

Numa fria manhã da primavera de 2014, foi acrescentado um novo nome à lista. Ele era tão esquivo que nem o seu verdadeiro nome era conhecido, e a tremenda máquina do antiterrorismo americano não tinha uma fotografia do seu rosto. Como Anwar al-Awlaki, o americano de origem iemenita que proferia sermões de ódio na Internet, que figurara na lista de morte e fora eliminado por um míssil disparado por um drone no norte do Iémen em 2011, a nova adição também pregava *online*. Os seus sermões eram tão poderosos que jovens muçulmanos na diáspora se estavam a converter ao islão ultrarradical e a cometer crimes em seu nome.

Como Awlaki, a nova adição também discursava num inglês perfeito. Sem nome, era conhecido simplesmente como o Pregador.

A missão foi atribuída ao JSOC, cujo comandante a passou à TOSA, uma unidade tão obscura que noventa e oito por cento dos oficiais dos EUA no ativo nunca ouviram falar dela.

De facto, a TOSA é um departamento muito pequeno, sediado no norte da Virgínia, que persegue os terroristas que procuram esconder-se da justiça punitiva americana.

Naquela tarde, o diretor da TOSA, conhecido em todas as comunicações oficiais como Gray Fox, entrou no gabinete do seu principal especialista na caça ao homem e pousou um papel sobre a secretária. Continha simplesmente as palavras:

O Pregador. Identificar. Localizar. Destruir.

Por baixo, estava a assinatura do comandante-chefe, o presidente. Aquilo tornava o papel uma ordem executiva presidencial, ou EXORD.

O homem que leu a ordem era um enigmático tenente-coronel do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos, de quarenta e cinco anos, que, dentro e fora daquele edifício, era conhecido apenas como o BATEDOR.

PRIMEIRA PARTE

MISSÃO



## CAPÍTULO UM

Se lhe tivessem perguntado, Jerry Dermott seria capaz de levar a mão ao peito e jurar que nunca fizera intencionalmente mal a ninguém na sua vida e que não merecia morrer. Mas isso não o salvou.

Foi em meados de março e em Boise, no Idaho; o inverno começava relutantemente a abrandar. Mas havia neve nos altos picos em volta da capital do Estado e o vento que descia desses picos ainda era cortante. Os que caminhavam pelas ruas faziam-no abrigados em casacos quentes quando o congressista saiu do edifício da legislatura, no número 700 da West Jefferson Street.

Emergindo na imponente entrada do Capitólio do Estado, desceu os degraus de arenito para a rua onde o seu carro estava estacionado. Fez o habitual aceno amável de cumprimento para o agente da polícia nas escadas e reparou que Joe, o seu fiel motorista de muitos anos, contornava a limusina para lhe abrir a porta de trás. Não reparou na figura agasalhada que se ergueu de um banco no passeio e começou a andar.

A figura envergava um sobretudo comprido escuro, desabotoado na frente mas mantido fechado pelas mãos no interior. Tinha uma espécie de barrete na cabeça, e a única coisa estranha, caso alguém estivesse a olhar, o que não acontecia, era que por baixo do casaco não se viam umas pernas cobertas de ganga mas

por uma espécie de vestido branco. Seria mais tarde estabelecido que se tratava de uma *dishdash* árabe.

Jerry Dermott estava quase a alcançar a porta aberta do automóvel quando uma voz o chamou: «Congressista.» Virou-se na direção da voz. A última coisa que viu na terra foi um rosto moreno, de olhos algo vazios, como se estivessem fixos em qualquer coisa à distância. O sobretudo abriu-se e a caçadeira de canos serrados ergueu-se do seu interior.

A polícia estabeleceria posteriormente que ambos os canos foram disparados simultaneamente e que os cartuchos estavam carregados com chumbo grosso de grande calibre, não com os minúsculos grânulos para pássaros. A distância foi de cerca de trinta centímetros.

Devido ao pequeno tamanho dos canos serrados, a área da trajetória dos chumbos foi ampla. Algumas das bolas de aço passaram o congressista de ambos os lados e várias delas atingiram Joe, fazendo com que ele se virasse e inclinasse para trás. Tinha uma arma debaixo do casaco, mas levou as mãos à cara e nunca chegou a usá-la.

O agente nas escadas viu tudo, puxou do seu revólver e desceu a correr. O atacante ergueu as duas mãos no ar, a direita a segurar a caçadeira, e gritou qualquer coisa. O agente não podia saber se o segundo cano fora usado e disparou três vezes. A seis metros de distância e com a prática de tiro que tinha, não podia falhar.

As três balas atingiram o homem que gritava no centro do peito e atiraram-no para trás, onde ele bateu contra a bagageira da limusina, ressaltou, caiu para a frente e morreu de cara na sarjeta. Algumas figuras apareceram no pórtico, viram os dois corpos no chão, o motorista a olhar para as mãos ensanguentadas, o polícia parado junto ao atacante, a arma agarrada nas duas mãos, a apontar para o chão. Correram de novo para dentro a fim de pedir ajuda.

Os dois corpos foram removidos para a morgue da cidade e Joe foi levado para o hospital por causa dos três chumbos que se tinham alojado no seu rosto. O congressista estava morto, o peito perfurado por mais de vinte bolas de aço que lhe tinham atingido o coração e os pulmões. O atacante também.

Este último, despido na marquesa da morgue, não oferecia nenhuma pista quanto à sua identidade. Não havia nenhuns documentos pessoais nem, estranhamente, nenhum pelo corporal para além da barba. Mas o rosto publicado nos jornais vespertinos fez surgir dois informadores: o decano de uma faculdade nos arredores da cidade identificou um estudante de família jordana e a senhoria de uma pensão reconheceu um dos seus hóspedes.

Os detetives que revistaram o quarto do morto levaram vários livros em arábico e um computador portátil. Este último foi analisado no laboratório técnico da polícia. Revelou algo que ninguém no quartel-general da polícia de Boise alguma vez vira. O disco rígido continha uma série de palestras ou sermões, feitos por uma figura com o rosto encoberto, que olhava fixamente a câmara com olhos ardentes e pregava num inglês fluente.

A mensagem era brutal e simples. O Verdadeiro Crente devia sujeitar-se à sua própria conversão pessoal desde a heresia até à verdade muçulmana. Necessitava, dentro dos limites da sua própria alma, sem confiar nem fazer confidências a ninguém, converter-se à *jihad* e tornar-se um verdadeiro e leal soldado de Alá. Depois, devia procurar alguma pessoa famosa ao serviço do Grande Satã e enviá-la para o inferno, morrendo depois como *shahid*, um mártir, e ascendendo ao paraíso de Alá para sempre. Havia muitos sermões, todos com a mesma mensagem.

A polícia passou as provas para o gabinete do FBI em Boise, que passou o dossiê inteiro para o Edifício J. Edgar Hoover em Washington, DC. No quartel-general do FBI, não houve qualquer surpresa. Já tinham ouvido falar do Pregador.

1968

A senhora Lucy Carson entrou em trabalho de parto a 8 de novembro e foi levada diretamente para a ala de obstetrícia do hospital da marinha em Camp Pendleton, na Califórnia, onde ela e o marido estavam baseados. Dois dias mais tarde, nasceu o seu primeiro e único filho.

Chamaram-lhe Christopher, o nome do avô paterno, mas uma vez que este, um oficial dos fuzileiros, era sempre tratado por Chris, para evitar confusão o bebé recebeu a alcunha de Kit, sendo a referência ao velho colono uma pura coincidência.

Também fortuito foi o dia do nascimento: 10 de novembro, a data de nascimento do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA, em 1775.

O capitão Alvin Carson estava no Vietname, onde a luta era feroz e assim continuaria por mais cinco anos. Mas a sua comissão estava perto do fim, por isso ele conseguiu uma licença no Natal para se reunir à mulher e às duas filhas pequenas e para segurar no colo o filho recém-nascido.

Voltou para o Vietname após o Ano Novo, regressando finalmente à base dos fuzileiros em Pendleton em 1970. Permaneceu na base mais três anos, vendo o seu filho crescer até aos quatro anos e meio.

Ali, longe daquelas selvas letais, o casal podia viver a habitual vida «de base» entre os alojamentos para casais, o seu gabinete, o clube social, o supermercado e a igreja. E podia ensinar o filho a nadar na marina Del Mar. Por vezes, recordava aqueles anos de Pendleton como os tempos das vacas gordas.

O ano de 1973 viu-o ser transferido para outra comissão «com família» em Quantico, mesmo às portas de Washington, DC. Nessa altura, Quantico não passava de uma enorme extensão de terra desabitada, infestada de mosquitos e carraças, onde um rapazinho podia andar atrás dos esquilos e guaxinins pela floresta.

A família Carson continuava na base quando Henry Kissinger e o norte-vietnamita Le Duc Tho se encontraram às portas de Paris e burilaram os acordos que trouxeram um final formal à década de carnificina agora chamada Guerra do Vietname.

O então major Carson regressou para a sua terceira comissão no Vietname, um lugar que continuava a fervilhar de ameaças, à medida que o exército norte-vietnamita se preparava para quebrar os Acordos de Paris invadindo o Sul. Mas foi repatriado precocemente, mesmo antes da louca corrida para o telhado da embaixada para o último avião a sair do aeroporto.

Durante aqueles anos, o seu filho Kit passou pelas fases normais de um rapazinho americano — basebol na Little League, escuteiros e escola. No verão de 1976, o major Carson e a família foram transferidos para uma terceira grande base dos fuzileiros — Camp Lejeune, Carolina do Norte.

Como segundo na cadeia de comando do seu batalhão, o major Carson trabalhava no 8.º Quartel-General dos Fuzileiros na rua «C» e vivia com a mulher e os três filhos nos alojamentos de oficiais casados. Nunca se falou no que o rapaz gostaria de ser quando fosse grande. Ele nascera no seio de duas famílias: os Carsons e os fuzileiros. Assumiu-se que seguiria as pegadas do avô e do pai até à escola de oficiais e que envergaria o uniforme.

De 1978 a 1981, o major Carson foi destacado para uma há muito adiada comissão no mar em Norfolk, a grande base da marinha e dos fuzileiros no lado sul de Chesapeake Bay, no norte da Virgínia. A família vivia na base, o major foi para o mar como oficial dos fuzileiros no USS *Nimitz*, o orgulho da frota de porta-aviões. Foi daquela posição vantajosa que ele testemunhou o fiasco da Operação Eagle Claw, também conhecida como Desert One, a tentativa desesperada para resgatar os diplomatas americanos que tinham sido feitos reféns por «estudantes» ao serviço do aiatola Khomeini.

Com os seus binóculos de longo alcance, o major Carson viu da ponte do *Nimitz* quando oito enormes helicópteros *Sea Stallion* voaram na direção da costa em apoio aos Boínas Verdes

e Rangers que fariam a recolha e trariam os diplomatas resgatados para a segurança do mar.

E viu quando a maior parte deles regressou em más condições. Primeiro, os dois que avariaram na costa iraniana porque não possuíam filtros de areia e tinham ido de encontro a uma tempestade de areia. Depois os outros, os que traziam os feridos após um dos helicópteros ter voado contra um *Hercules*, provocando uma bola de fogo. Recordaria com amargura esse momento e o disparatado plano que o causara durante o resto dos seus dias.

Desde o verão de 1981 até 1984, Alvin Carson, agora tenente-coronel, foi comissionado com a sua família em Londres, como adido dos fuzileiros na embaixada, em Grosvenor Square. Kit foi matriculado na Escola Americana em St. John's Wood. Mais tarde, o rapaz recordaria com afeição os seus três anos em Londres. Era o tempo de Margaret Thatcher e Ronald Reagan e da sua notável parceria.

As Falklands foram invadidas e libertadas. Uma semana antes de os paraquedistas britânicos entrarem em Port Stanley, Ronald Reagan fez uma visita de Estado a Londres. Charlie Price tornou-se embaixador e o americano mais popular na cidade. Havia festas e bailes. A família foi apresentada à rainha Isabel numa formação em linha. Kit Carson, com catorze anos, teve a sua primeira paixão. E o pai chegou ao marco dos vinte anos nos fuzileiros.

O coronel Carson foi promovido ao comando do 2.º Batalhão, 3.º Regimento de Fuzileiros, como tenente-coronel, e a família foi transferida para Kanehoe Bay, nas ilhas do Havai, um clima consideravelmente diferente do de Londres. Para o adolescente, foi tempo para *surf*, mergulho, pesca e um ativo interesse pelas raparigas.

Pelos dezasseis anos, estava a desenvolver-se como um atleta formidável, mas as suas notas escolares também o revelavam possuidor de um cérebro rápido. Quando, um ano mais tarde,

o seu pai foi promovido a responsável pelas operações e enviado de volta para o continente, Kit Carson era escuteiro e caloiro no Reserve Officer Training Corps. A assunção de anos antes tornava-se verdadeira; ele seguia, imparável, as pegadas do seu pai nas fileiras dos oficiais dos fuzileiros.

De volta aos Estados Unidos, um curso universitário acenava-lhe. Foi enviado para a William and Mary, em Williamsburg, na Virgínia, onde viveu em regime de internato durante quatro anos, formando-se em história e química. E havia as longas férias de verão. Estas eram devotadas à escola de paraquedismo, à escola de mergulho e à Escola de Candidatos a Oficiais de Quantico.

Formou-se na primavera de 1989, aos vinte anos, e ao mesmo tempo recebeu a sua insígnia de segundo-tenente dos fuzileiros. O pai, agora brigadeiro-general, e a mãe, ambos a rebentarem de orgulho, compareceram na cerimónia.

A sua primeira posição foi na Escola Básica, até ao Natal, depois na Escola de Oficiais de Infantaria até março de 1990, destacando-se como aluno excepcional. Seguiu-se a Escola de Rangers, em Fort Benning, na Georgia, e com a insígnia de Ranger foi enviado para Twentynine Palms, na Califórnia.

Ali frequentou o Centro de Combate Ar/Terra, conhecido como «The Stumps», e foi depois enviado para o 1.º Batalhão, 7.º Regimento, na mesma base. Depois, a 2 de agosto de 1990, um homem chamado Saddam Hussein invadiu o Koweit. Os fuzileiros partiram para a guerra e, com eles, o tenente Kit Carson.

1990

Tomada a decisão de que a invasão do Koweit por Saddam Hussein era inadmissível, formou-se uma grande coligação que se estendeu pelo deserto ao longo da fronteira Iraque-Arábia Saudita, desde o golfo Pérsico a leste até à fronteira jordana a oeste.

Os fuzileiros estavam presentes na forma da Força Expedicionária dos Fuzileiros sob o comando do general Walter Bloomer, e esta incluía a 1.<sup>a</sup> Divisão dos Fuzileiros comandada pelo general Mike Myatt. Muito abaixo ao longo da hierarquia encontrava-se o segundo-tenente Kit Carson. A divisão foi colocada no extremo oriental da linha da coligação, com as águas azuis do Golfo à sua direita.

O primeiro mês, um agosto de um calor entorpecedor, foi um tempo de atividade febril. Toda a divisão, com a sua blindagem e artilharia, teve de ser desembarcada e instalada ao longo do sector a cobrir. Uma armada de navios de carga chegou ao até então sonolento porto de Al-Jubail a fim de descarregar as bagagens necessárias para equipar, alojar e manter alimentada toda uma divisão americana. Não foi antes de setembro que Kit Carson teve a sua entrevista de missão. Foi com um major veterano, de língua cáustica, provavelmente ultrapassado naquele posto e pouco satisfeito com isso.

Sem pressas, o major Dolan leu a ficha do novo oficial. Finalmente, o seu olhar captou qualquer coisa de estranho. Ergueu o olhar.

— Passou algum tempo em Londres, em criança?

— Sim, senhor.

— Sacanas esquisitos. — O major Dolan completou o seu estudo da ficha e fechou-a. — A Sétima Brigada Blindada Britânica está estacionada aqui ao lado, a oeste. Intitulam-se Ratazanas do Deserto. Como eu disse, são esquisitos. Chamam ratazanas aos próprios soldados.

— Na verdade, são gerbos, senhor.

— São o quê?

— Gerbos. Um animal do deserto parecido com o suricata. Ganharam esse nome quando lutaram contra Rommel no deserto líbio, na Segunda Guerra Mundial. Ele era a Raposa do Deserto. O gerbo é um animal mais pequeno mas esquivo.



O major Dolan não estava nada impressionado.

— Não se faça de esperto comigo, tenente. Temos de arranjar maneira de nos entendermos com estes ratos do deserto. Vou propor ao general Myatt que o envie para lá como um dos nossos oficiais de ligação. Pode ir.

As forças da coligação tiveram de passar mais cinco meses a sufocar naquele deserto, enquanto as forças aéreas aliadas não atingiam os cinquenta por cento de «degradação» do exército iraquiano que o general Norman Schwarzkopf exigia antes de poder atacar. Durante parte desse tempo, depois de se apresentar ao general britânico Patrick Cordingley, que comandava a 7.<sup>a</sup> Blindada, Kit Carson fez a ligação entre as duas forças.

Muito poucos soldados americanos conseguiam estabelecer interesse ou empatia com a cultura árabe nativa dos sauditas. Carson, com a sua curiosidade natural, era uma exceção. Nas fileiras dos britânicos, encontrou dois oficiais que tinham algumas luzes da língua árabe e com eles memorizou uma mão-cheia de frases. Em visitas a Al-Jubail, ouvia as cinco chamadas diárias à oração e observava as figuras a prostrarem-se, uma e outra vez, de testa no chão, para completarem o ritual.

Fazia questão de cumprimentar os sauditas que tivera ocasião de conhecer com o formal «*Salaam alaikhum*» (a paz esteja contigo), e aprendeu a responder com a frase: «*Alaikhum as-Salaam*» (e contigo esteja a paz). Reparou no sobressalto de surpresa por um estrangeiro se dar a esse trabalho e na cordialidade que se seguia.

Passados três meses, a brigada britânica crescera e era agora uma divisão, e o general Schwarzkopf mudou os britânicos mais para leste, para tristeza do general Myatt. Quando as forças terrestres entraram finalmente em movimento, a guerra foi curta, contundente e brutal. As forças blindadas iraquianas foram destruídas pelos tanques *Challenger II* britânicos e os *Abrams* americanos. O domínio no ar foi total, como era há meses.

A infantaria de Saddam fora pulverizada pelo intenso bombardeamento das suas trincheiras pelos *B-52* e rendia-se aos magotes.

Os fuzileiros investiram para o Kuwait, onde foram aclamados, e depois para a fronteira iraquiana, onde uma autoridade superior os mandou parar. A guerra em terra levou apenas cinco dias.

O tenente Kit Carson deve ter feito alguma coisa bem. No seu regresso no verão de 1991, recebeu a honra de ser transferido para o Pelotão de Morteiros 81 mm como o melhor tenente no batalhão. Claramente destinado a voos mais altos, fez então uma coisa, pela primeira mas não pela última vez, muito pouco convencional. Candidatou-se e recebeu uma bolsa Olmsted. Quando lhe perguntaram a razão, replicou que queria ser enviado para o Defense Language Institute, localizado no Presidio em Monterey, Califórnia. Instado a explicar-se melhor, admitiu que queria dominar a língua árabe. Foi uma decisão que, mais tarde, mudaria toda a sua vida.

Os superiores, algo surpreendidos, acederam ao seu pedido. Obtida a bolsa, passou o seu primeiro ano em Monterey e, no segundo e terceiro fez um estágio de dois anos na Universidade Americana do Cairo. Ali descobriu que era o único fuzileiro americano e o único militar que alguma vez entrara em combate. Enquanto lá estava, a 26 de fevereiro de 1993, um iemenita chamado Ramzi Yousef tentou fazer explodir as Torres Gémeas do World Trade Center, em Manhattan. Falhou, mas, ignorado pelo sistema americano, disparara o primeiro tiro da *jihad* islâmica contra os EUA.

Não havia jornais eletrónicos naqueles tempos, mas o tenente Carson podia seguir a investigação em curso por rádio. Estava perplexo, intrigado. Passado algum tempo, fez uma visita ao homem mais erudito que tinha conhecido no Egito. O doutor Khaled Abdulaziz era professor na universidade Al-Azhar, um dos maiores centros de estudos alcorânicos em todo o islão. Ocasionalmente, fazia palestras na Universidade Americana. Recebeu o jovem americano nos seus aposentos no campus em Al-Azhar.

— Porque é que eles fizeram aquilo? — perguntou Kit Carson.

— Porque vos odeiam — disse o ancião calmamente.

— Mas porquê? O que é que nós lhe fizemos?

— A eles pessoalmente? Ou aos seus países? Às suas famílias? Nada. Exceto, talvez, distribuir dólares. Mas não é esse o ponto. Com o terrorismo, nunca é esse o ponto. Com terroristas, quer seja a Al-Fatah, ou a Organização Setembro Negro, ou a nova estirpe supostamente religiosa, a raiva e o ódio vêm primeiro. Depois, a justificação. Para o IRA, o patriotismo, para as Brigadas Vermelhas, a política, para os jihadistas salafistas, a piedade. Uma piedade simulada.

O professor estava a preparar chá para dois no seu pequeno fogão a álcool.

— Mas eles dizem seguir os ensinamentos do Sagrado Alcorão. Dizem estar a obedecer ao profeta Maomé. Dizem estar a servir Alá.

O velho professor sorriu enquanto a água fervia. Tinha reparado na inserção da palavra «sagrado» antes de Alcorão. Uma cortesia, mas agradável.

— Jovem, eu sou aquilo a que se chama um «hafiz». Alguém que memorizou os 6236 versos do Sagrado Alcorão. Ao contrário da vossa Bíblia, que foi escrita por centenas de autores, o nosso Alcorão foi escrito... ditado, na verdade... por apenas um. E, no entanto, há passagens que parecem contradizer-se.

»O que os jihadistas fazem é pegar em uma ou duas frases fora do contexto, distorcê-las um pouco mais e depois fingir que têm justificação divina. Não têm. Não há nada no nosso livro sagrado que decreta que temos de chacinar mulheres e crianças para agradar aquele a quem chamamos Alá, o Piedoso, o Compassivo. Todos os extremistas fazem isso, incluindo os cristãos e os judeus. Não vamos deixar arrefecer o chá. Deve ser bebido bem quente.

— Mas, professor, essas contradições nunca foram abordadas, explicadas, racionalizadas?

O professor serviu mais chá ao americano com as suas próprias mãos. Tinha empregados, mas agradava-lhe fazer pessoalmente o seu chá.

— Constantemente. Durante mil e trezentos anos, eruditos têm estudado e feito comentários sobre esse único livro. Coletivamente, são chamados *abadith*. Há cerca de cem mil.

— Já os leu?

— Todos, não. Seriam precisas dez vidas. Mas li muitos. E escrevi dois.

— Um dos bombistas, o xeque Omar Abdul Rahman, aquele a quem chamam o clérigo cego, também era... é... um homem erudito.

— E um erudito equivocado. Não há nada de novo nisso, em nenhuma religião.

— Mas tenho de perguntar de novo. Porque é que odeiam?

— Porque vocês não são eles. E eles experimentam uma profunda raiva por todos os que não são eles próprios. Judeus, cristãos, aqueles a quem chamamos «kuffar», os infiéis que não se convertem à única fé verdadeira. Mas também por aqueles que não são suficientemente muçulmanos. Na Argélia, os jihadistas chacinam aldeias de *fellagha*, camponeses, incluindo mulheres e crianças, na sua guerra sagrada contra os argelinos. Lembre-se sempre disto, tenente. Primeiro vem a raiva e o ódio. Depois a justificação, a pose de profunda piedade, tudo um embuste.

— E o senhor, professor?

O velho suspirou.

— Eu detesto-os e desprezo-os. Porque eles pegam na face do meu querido islão e apresentam-na ao mundo distorcida com raiva e ódio. Mas o comunismo está morto, o Ocidente fraco e autocomplacente, preocupado com o prazer e a ganância. Vai haver muitos a darem ouvidos à nova mensagem.

Kit Carson consultou de relance o seu relógio. Faltava pouco para a hora das orações do professor. Levantou-se. O sábio